

A VARINHA DO MAGO PRÓSPERO É A POÉTICA SHAKESPEARIANA DE HELIO HICHBAUER

Regilan Deusamar Barbosa Pereira (mestrado/ CAPES)
Processos e Métodos da Criação Cênica – PMC

Como a poética cênica de Helio Eichbauer tratou a obra shakespeariana já que as produções teatrais de William Shakespeare no Brasil não se realizam no característico edifício teatral do Globe elisabetano, que foi o espaço fundamental de comunicação desta dramaturgia? O conteúdo dramático deste autor inglês atravessou séculos de existência justamente por evidenciar questões universais humanas. Como estas questões foram comunicadas à plateia brasileira de finais do século XX pela poética de Helio Eichbauer?

Em *A tempestade*, Próspero é um mago que possui grande erudição à maneira dos humanistas renascentistas: “ducado muito grande já me era a biblioteca” (Trad. NUNES, 2006). A herança renascentista herdada por Shakespeare e todos os elisabetanos impulsionou as sociedades europeias dos séculos XV e XVI aos estudos históricos da produtividade humana. As civilizações grega e romana legaram produções artísticas e tratados filosóficos os quais foram exaustivamente estudados e reinterpretados ao longo dos séculos seguintes à derrubada daquela pólis e daquele império. Neste contexto surgiram os grandes humanistas, ou seja, os estudiosos das históricas produções civilizatórias, como Santo Agostinho e São Jerônimo, por exemplo. É característico do século XV pinturas intituladas “São Jerônimo em seu estúdio” de Antonello da Messina ou “Santo Agostinho” de Sandro Botticelli, nas quais se tem a representação do eclesiástico sentado em frente a uma mesa repleta de livros e instrumentos matemáticos e astronômicos a inquirir sobre as leis da vida e do universo segundo aprimoradas análises de registros históricos da humanidade e acúmulo de conhecimentos, os quais até os atuais dias fundamentam novas formulações seja na área das ciências humanas ou exatas.

O discurso do personagem Próspero, de William Shakespeare, exemplifica este sistema cognitivo humano. Ele se tornou senhor da desconhecida ilha que se apresenta na peça porque detinha conhecimentos amplos dos mais variados ramos da ciência, inclusive dos estudos alquímicos. A respeito destes estudos Michel Foucault em seu livro *As palavras e as coisas* nos esclarece: “sabedoria do espelho... o homem descobrirá que contém `as estrelas no interior de si mesmo (...), e que assim carrega o firmamento com todas as suas

influências” (FOUCAULT, 1966). Estes estudos teriam permitido que Próspero manipulasse até mesmo as forças da natureza. A fala deste personagem na cena II do primeiro ato evidencia suas averiguações como condizentes com as ciências ocultas:

Gozando de tão alta dignidade, não achava rival no que respeita às artes liberais. A estas dedicando todo o meu tempo, o peso do governo transferi a meu mano, assim tornando-me cada vez mais estranho à minha terra, porque às ciências secretas dedicado. (Trad. NUNES, 2006)

A corte elisabetana encontrava-se no conflitante período de transição entre a consciência do ser humano divino e a consciência do ser humano racionalista e científico. A dramaturgia inglesa tratou desta intercessão. O personagem Próspero evidencia esta intercomunicação, daí a comparação que esta análise faz entre este personagem e a representação dos primeiros humanistas, os quais foram apresentados como santos em gabinetes na prática de estudos científicos.

Em recente entrevista concedida à autora, Helio Eichbauer afirma que não é possível compreender a dramaturgia shakespeariana sem compreender o que foram os estudos alquímicos para a sociedade elisabetana. Eichbauer, inclusive, afirma que a peça *A tempestade* é um tratado de alquimia, na qual o mago Próspero seria John Dee, o astrólogo conselheiro da rainha Elisabete e amigo de William Shakespeare.

Percebe-se, portanto, que a poética shakespeariana deste cenógrafo conecta o divino ao erudito construindo desta forma uma singular sistemática de apreensão espacial. Para verificação deste dado fizemos a análise de um recorte da montagem de *A tempestade* de 1982 encenada no Parque Lage e que se refere ao início da peça. Neste espaço Eichbauer optou por inicialmente suprimir a visão da paisagem natural do entorno deste edifício, cuja exuberante natureza se situa aos pés da famosa estátua do Cristo Redentor, fechando o céu aberto do Palacete Lage com um tecido de paraquedas. Sob estas circunstâncias considera-se, no sentido conotativo, o impedimento da comunicação humana entre a terra e os céus, entre humanidade e divindade. Dez anos antes que Shakespeare escrevesse *A tempestade* o personagem Hamlet afirmou: “Há no céu e na terra, Horácio, bem mais coisas / Do que sonhou jamais nossa filosofia” (Trad. SILVA RAMOS, 1976).

Eichbauer também afirmou em recente entrevista concedida à autora que o Parque Lage é o “Globe carioca com água”. A partir deste comentário, considera-se o fato de que o mar para os cariocas não é somente parte integrante da geografia da cidade, mas inclusive parte fundamental da sua formação cultural, portanto a presença cênica da água adquire uma

significação mítica, parte constituinte inclusive do inconsciente do próprio Eichbauer, carioca nato, que destacou o elemento água como um elemento distintivo entre o Globe elisabetano e o "Globe Carioca". Embora o mar para os elisabetanos também fosse um elemento de extremada potencialidade imaginativa, pois a Inglaterra constitui parte de uma ilha e o próprio Teatro Globe se localizava às margens do Rio Tâmisa - o que demandava a travessia de um rio pela maior parte da plateia que ia assistir aos espetáculos. Portanto Eichbauer ao considerar os estudos alquímicos para tratar da dramaturgia shakespeariana, principalmente em referência a *A tempestade*, demonstra o interesse e a necessidade de aliar estudos de simbologia mítica ao pensamento erudito, próprio da sistemática humanista, que considera divindade e razão. Tal reunião entra em conformidade com os estudos de Giulio Carlo Argan quando este conjuga estudos urbanos à história da arte: "o fundamento unitário das manifestações artísticas... é relacionar à identidade cidade-história a identidade arte-história"¹, portanto relacionar a identidade urbana do Parque Lage à encenação shakespeariana neste espaço.

A consideração final que este estudo faz é a de que a varinha do mago Próspero é a poética shakespeariana de Helio Eichbauer porque este cenógrafo destaca da dramaturgia shakespeariana as evidências humanísticas que reúnem o pensamento divino e o erudito e considera *A tempestade* como um tratado alquímico. Jan Kott, um estudioso da obra shakespeariana, bem citado por Eichbauer, afirma que várias foram as comparações que se fizeram entre Próspero e Leonardo da Vinci, porém as comparações foram feitas no sentido de que ambos desenvolveram estudos alquímicos:

A lenda de Leonardo pode ter chegado a seus ouvidos (ouvidos de Shakespeare); este, aos olhos dos contemporâneos e durante muito tempo depois, foi tido como o homem que mais avançou no conhecimento da magia... Da magia que praticava Paracelso. Ele considerava o ar como uma espécie de espírito proveniente de um líquido em estado de ebulição. "Gênio aéreo", como Shakespeare qualificou Ariel na lista dos personagens... o sábio "une o céu e a terra e contribui para ligar o mundo inferior às potências do mundo superior". (KOTT, 1961)

Próspero na cena I do quinto ato resignadamente afirma: "quebrarei a varinha. A muitas braças do solo a enterrarei, e em lugar fundo, jamais

¹ ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. Trad. Pier Luigi Cabra. 2005. Copyright: 1989. (p.212)

tocado por nenhuma sonda, afogarei meu livro” (Trad. NUNES, 2006). Eichbauer, no entanto, desenterrou esta vara e este livro e trouxe à tona, por intermédio de sua interpretação poética dos elementos naturais que constituem o espaço do Parque Lage, um novo olhar humanista, o olhar de quem analisa a existência de homens e mulheres entre o divino e o racional e desta maneira revê na dramaturgia shakespeariana valores éticos que tratam de humanidades, natureza e questões míticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. Trad. Pier Luigi Cabra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção a)

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos)

KOTT, Jan. *Shakespeare nosso contemporâneo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SHAKESPEARE, *A tempestade*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1976.